Qual genética para as correspondências?*

José-Luis Diaz

Tradução de Cláudio Hiro,
com a colaboração de Maria Sílvia Ianni Barsalini

[...] o amador [de correspondências] tolera das cartas o que o irritaria alhures: as lamentações, as inconstâncias do humor, do tom, a rispidez – esta corrente de emoções irracionais que guiou a escrita e que transparecem em seu estado definitivo. Pois cada carta é o seu próprio rascunho. Ao contrário do objeto polido, aplainado, que é um pedaço de prosa romanesca, a carta conserva o aspecto bruto de um primeiro jato. “Como ela lhe parecerá estranha! – escreve o missivista – É que eu deixo minha pena voar livremente e meu coração ditar-me sem ordem nem razão as emoções que o afligem...”

Jean-Philippe Arrou-Vignod, *Les discours des absents* (Gallimard, 1993, p. 44).

PARA A questão que um tal título coloca, não há resposta única: é que as cartas são objetos com uma geometria variável (o que lhes confere toda a sua graça). Ao observador,

* “Quelle génétique pour les correspondances?”. *Genesis. Revue Internationale de Critique Génétique*. (Paris), Jean-Michel Place, 13, 1999, p.11-31.

mesmo distraído, é o que lembram os três estados da carta de Vigny, focalizados por Loïc Chotard, em “La lettre violée” (*Genesis*, 13).

Antes de ser um objeto postal, assinalado ao longo de sua trajetória por uma série de impressões alógenas que lhe marcarão para sempre o próprio “corpo”, a carta chamada “missiva” é texto, e mais frequentemente, “autógrafo”. Mas antes de ser texto, ela foi também, às vezes, “paratexto” – minuta¹, “rascunho” – o que nos coloca então na situação – reconfortante – de uma genética “endógena”. Por vezes, a prudência do destinatário, ou o simples cuidado de não perder o fio da correspondência, sobretudo quando ele mantém dela uma multiplicidade, convida-o, em seguida, a copiar as cartas, ou fazê-las copiar por um “secretário”, chegando às vezes a organizá-las em um dossiê (a “pasta verde” de Théophile Gautier), e a classificá-las. Ou mesmo preferindo guardar um original rascunhado – a título de monumento póstumo, mas também como espelho narcísico – opta por enviar uma cópia mais decente, limpa de erros na escritura, de conveniência ou de pensamento. Purgada de suas marcas humorais...

Enfim, no topo da cadeia temporal, há igualmente os casos gloriosos nos quais a carta perde seu estatuto de documento único, cedido sem retorno pelo remetente a seu destinatário em troca de uma resposta (tal é a proporção corrente deste “comércio”).

Organizada inicialmente em uma série de autógrafos transformada em tesouro, depois num conjunto de cópias

1. “Do latim medieval *minuta*, no sentido de uma ‘escritura diminuída’ [...] [Direito] Original de um ato autêntico do qual o depositário não pode se desprender”. *Dictionnaire Le Robert*.

freqüentemente feitas por mãos estranhas, ela atinge algumas vezes a plena dignidade editorial quando, conforme lógicas que variam ao longo da história, ela se torna livro. A partir daí, desde que entra na cadeia bibliográfica, poderá ter várias edições – mais ou menos expurgadas ou fiéis, com mais ou menos erros ortográficos. O que deve encher de contentamento todo geneticista que se preza, não é mesmo?

Observa-se com freqüência que, se os objetos epistolares não mereceram até hoje, raras exceções², uma reflexão genética de conjunto, isto não se deve a qualquer defeito constitutivo que lhes seja imputável. Pois, como lembra a epígrafe na qual eu me escudo, mesmo quando a carta é única, quando ela se expõe totalmente sozinha, desprovida de uma gama tranqüilizadora de paratextos, ela constitui seu próprio rascunho: sem o saber, ou sem querer, ela nos faz, assim, participar dos seus diferentes estados, mesmo dos estados da alma (e do corpo) daquele que a escreveu, lágrimas e borrões incluídos. O que faz com que se possa afirmar que sua aparente fragilidade, fragilidade em relação aos protocolos habituais da genética e à sua costumeira caixa de ferramentas (enredos, esboços, rascunhos, aqui raramente presentes), tenha em si mesma a sua força. Mas, àqueles que seriam levados a menosprezar as virtudes genéticas da carta, é preciso também lembrar todos esses casos, bem

2. Dentre elas, os quatro artigos seguintes: Bernard Bray, “La constitution du texte épistolaire: l'exemple de Chapelain”, em *Paragraphes*, 9. “Les voies de l'invention au XVIIe. et au XVIIIe. siècles. Études génétiques”. Université de Montréal, 1993, p. 209-223; Roger Duchêne, “Du destinataire au public ou les métamorphoses d'une correspondance privée”, *RHLF*, 1976, p. 29-46; Alain Pagès, “Correspondance et génèse”, em *Les leçons d'écriture. Ce que disent les manuscrits. Hommage à Louis Hay*. Almuth Grésillon e Michael Werner (Orgs.). Paris: Minard, p. 207-214.

Tradução

MANUSCRITOS

conhecidos, nos quais a carta atinge a dignidade genética suprema: a de participar na qualidade de “paratexto” – crucial, pois estritamente datado – da elaboração de alguma obra canônica, cujos desvãos cativam naturalmente aqueles que mergulham nos segredos do ateliê literário. É o que ocorre, sem sombra de dúvidas, com o grande *must* da genética universal que é *Madame Bovary*...

A carta é, então, um “bom objeto”, um aluno suficientemente bem dotado para a “genética”. E que bem mereceria no assunto, o que antigamente se chamava de “teoria de conjunto”. Ao invés de realizar tal empresa, eu me contentaria com algumas reflexões de amador de manuscritos, ou melhor, de um ávido consumidor de “Correspondências gerais”, de um fanático por “CG” (falando como Norbert Dodille).³ Não tenho outra legitimidade na matéria a não ser aquela de ser um faminto lançado dentro de uma coletânea de cartas, que devora tudo, inclusive notas e ossos. Mas como a paixão pela matéria não deve fazer com que se perca a razão, apresentá-la-ei em três partes. Primeiro, o caso excepcional – mas ideal – das cartas-arquivo de obras literárias; em seguida, a questão mais geral da gênese dos manuscritos epistolares; enfim, a questão das edições de correspondências.

A CARTA COMO ARQUIVO DA LITERATURA

O caso em que a carta do escritor testemunha a gênese de uma obra literária – da qual ela funciona como laboratório⁴,

3. “La CG”. *Revue des lettres modernes. Barbey d'Aurevilly. Sur la correspondance*. Minard, 1990, p. 9-24.

4. V. Françoise Van Rossum-Guyon, “La correspondance de Georges Sand comme laboratoire de l'écriture”. *Revue des Sciences Humaines*, 1991-1, p. 97-104.

ou simplesmente como caixa registradora – é o mais clássico, o mais conhecido, o mais seguro. Se trato disso primeiramente, não é porque queira me livrar dele, mas porque cada qual pôde construir nessa matéria sua própria idéia. Aquilo que um olhar panorâmico pode acrescentar a estas fecundas intuições é pouca coisa. É assim que minha função de propagandista institucional da epistolografia (na condição de secretário geral da AIRE – Associação Interdisciplinar de Pesquisa sobre o Gênero Epistolar) me leva a não limitar a dignidade suprema da carta – de toda carta, até o mais fútil “bilhete” – ao fato de que ela participa, em gloriosos casos excepcionais, do trabalho íntimo da Musa...

Entretanto – é preciso admiti-lo – para os críticos *voyeurs* que somos, um dos principais usos das correspondências de escritores é o de servir comumente para acompanhar os diversos estados de criação de uma obra particular. Úteis aos biógrafos, que querem se assegurar de um fato ou que procuram o “homem” por detrás de seus rascunhos, úteis aos “bisbilhoteiros históricos” (Barbey d’Aurevilly) em busca de “informações”, as cartas sempre foram resguardadas como preciosos arquivos da criação. Pois, se elas às vezes se contentam em mencionar uma obra em processo de criação, elas também permitem, em alguns casos exemplares, seguir – quadro a quadro – suas diversas fases: do projeto informe, ainda mal desenhado, nomeado com dificuldade, até a publicação do livro, seguida de sua recepção pela crítica (que a carta comenta) e, enfim, o seu lento e inexorável esvanecimento nas águas turvas da memória (da qual a série de cartas pode se tornar o doloroso testemunho)...

Isto é verdade no caso exemplar, quase patológico, de Flaubert, cujas cartas nos permitem seguir, como “em tempo real”, o mínimo gesto redacional. Elas constituem a crônica

Tina d'Aurevilly

falada das obras em processo, desvendando-nos por vezes seus trajetos, suas hesitações, seus “arrepentimentos”, e até mesmo os seus segredos. Vistas como um todo, as cartas que acompanham a gestação dolorosa e febril de *Madame Bovary* ou de *Salambô*, são como um verdadeiro “Diário” da obra, ainda mais detalhado do que aquele dos *Moedeiros falsos*⁵ e mais verdadeiramente “ativo” do que ele: pois, abandonando a sua função de simples crônica, a carta se torna freqüentemente instrumento de obstetrícia, bisturi postal.

Esse caráter de “diário da obra” também existe nos casos – menos favoráveis, porém mais corriqueiros – nos quais uma simples carta ilumina, como que por acaso, uma fase particular da gênese: menção a fontes, escrúpulos de expressão, escolha do título ou do editor, e até mesmo do frontispício ou do corpo (nas cartas de Baudelaire a Polet-Malassis). Outra distinção a ser feita, também de ordem quantitativa: afinal, quantas cartas? Que parcela de cada carta é consagrada à cozinha genética? Segundo os autores, mas sobretudo de acordo com as épocas e as escolas dominantes, esta varia de zero ao infinito: pois tanto se julga inconveniente expor os pequenos cuidados da pena num lugar reservado à sociabilidade espiritual dos “homens de bem”, quanto, ao contrário – como no caso de Flaubert e Mallarmé – aceita-se participar da miudeza epistolar, de *puxar o fio do novelo* (Barbey d’Aurevilly⁶), apenas e tão

5. *Les faux monnayeurs* (1925), de André Gide [N.T.].

6. É a expressão que Barbey d’Aurevilly emprega a respeito de Madame du Deffand: “Ela só gosta das cartas [...] e só conseguiu realizá-las bem porque as cartas são conversações fixas. Ela não ficava um só minuto sem puxar o fio do novelo, sem o molhar com essa saliva que mal acabara de secar” (“Correspondance inédite de Madame Du Deffand”. *Le Constitutionnel*. 17 mars 1875, artigo republicado

somente na medida em que, destituída de seu ofício urbano de “conversação por escrito”, ela pode servir de confessorário supremo para a elaboração noturna da Obra.

Se a natureza genética das correspondências pode então se dispor em termos quantitativos, é também possível apreciá-la em termos qualitativos. Aqui, deve-se distinguir entre os diversos ofícios genéticos, aquele que a carta pode ocupar, e isto de acordo com uma escala que vai da simples menção implícita da obra em projeto ou em curso, ao envio pelo correio de seus fragmentos e até mesmo de um plano, de um roteiro ou de uma redação mais ou menos avançada, com o intuito de fazer o destinatário participar da sua gestação. Pois aí está uma das especificidades do gênero epistolar como instrumento genético: a carta pertence naturalmente à “exogênese” – um documento exterior ao “*dossier* de arquivos” reunido em torno do texto que está sendo escrito (o qual geralmente, não é por si mesmo de natureza epistolar) – mas pertence também à gênese escrita e comentada, à “gênese em diálogo” e em colaboração. Portanto, às vezes, devemos desconfiar da gênese “exibicionista”, mais ou menos inventada e encenada...

Conhecemos a prática de Flaubert com seus correspondentes, pelo menos com os mais íntimos (Louis Boilhet, Louise Colet, Tourgueniev): com diferentes resultados, ele lhes propõe habitualmente a oferta de crítica recíproca, como faziam os mentores de outrora, os “macacos velhos” e seus mestres obreiros. Mas existem outros diálogos famosos, formando duplas literárias *sui generis*, cujas diversas formas de conjugação e rentabilidade genética será preciso estudar,

no XIX siècle. Deuxième série. Les Oeuvres et les Hommes. Littérature Épistolaire. Paris: Alphonse Lemerre, 1892, p. 107).

um dia, comparativamente: Sainte-Beuve/George Sand (na época da gestação conjunta de *Volupté* e *Lélia*), Mallarmé/Cazalis, Henry Miller/Lawrence Durrell, Sartre/Beauvoir etc. No melhor dos casos, o diálogo epistolar se torna comentário recíproco, até mesmo explicação do texto, microscopia às vezes minuciosa. O missivista-censor faz passar por seu crivo o estilo do missivista-cobaia, apontando falhas de linguagem, metáforas discordantes, lapsos, tiques, em nome de uma poética mais ou menos explícita. É o caso de Flaubert e a Musa, ou de Latouche e Balzac. É também o caso das cartas do editor ao autor, ao tentar interferir na criação: Amédée Pichot a Balzac, Buloz ou Véron a George Sand, Jacques Rivière a Marcel Proust ou a Antonin Artaud, Antoine Gallimard a Céline etc. A gênese sai então da esfera íntima, abandona seu aspecto de trabalho secreto e inconfessável, do qual não sobram geralmente senão alguns grifos silenciosos, para atingir um espaço quase público de diálogo – mais ou menos igualitário... Pois há sempre mestres e servidores nos bons ofícios de colaboração genética. Mestres que discursam e que se apóiam fortemente na admiração dos outros, e alunos-servidores que são admoestados por uma vírgula ou a quem se manda fazer pequenas tarefas documentais: copiar o precioso manuscrito do mestre, buscar livros na Biblioteca Nacional, ou percorrer a Normandia em busca de paisagens-tipo (o que Flaubert pede ao jovem Maupassant na época de *Bouvard et Pécuchet*). Mas também existem, ainda mais freqüentes, colaborações genéticas, à primeira vista desiguais. Sejam elas anteriores ao lançamento da obra – o caso mais freqüente: a correspondência do escritor com o seu secretário, oficial ou oficioso, ou com membros de sua família (Balzac com sua irmã Laure) ou de seu círculo (Diderot com Sophie Vollant) –

sejam posteriores ou mesmo bastante posteriores: é a que ocorre no diálogo epistolar entre Boileau e seu admirador Brossette. De 1699 até a morte do “patriarca d’Auteuil”, o distinto Brossette mantém com o seu ídolo literário um assíduo comércio postal que, mais do que conhecer o “homem” – ainda não é o momento –, objetiva fazê-lo explicar detalhadamente os meandros de seus escritos, suas formulações problemáticas ou equivocadas, assim como as variantes presentes nas edições sucessivas. Tudo isto acariciando o velho autor orgulhoso a favor do pêlo. Ou então, trinta anos após o aparecimento de suas obras, os arquivos das *Sátiras* e da *Arte Poética*. “Palavras geladas”, sim, mas “como se vós estivésseis lá...”.

Seria igualmente necessário compreender sobre quais “momentos” da gênese as trocas epistolares convergem preferencialmente: elaboração pré-escritural (*inventio*), organização (*dispositio*), formulação estilística (*elocutio*), ou ainda como nos casos de Brossette, após o evento da publicação. (O que nos lembra que a gênese é um processo interminável, que não se conclui nem mesmo após a morte do autor, e que se prolonga por toda a pesquisa genética posterior, tendendo a remeter a obra pretensamente acabada ao ato da criação e produzindo uma nova significação.) Conforme as épocas, conforme os autores, mas também conforme os gêneros, o laboratório epistolar insiste ainda sobre estes ou aqueles aspectos: a carta pode centrar-se em uma passagem (Flaubert), até mesmo em uma simples fórmula, ou simplesmente considerar mais o enredo. Flaubert, no que diz respeito aos romances, Louis Bouilhet para as peças – o que é ainda mais a regra, tendo em vista as imposições da arte dramática. Uma regra que o jovem Balzac também confirma, aos vinte anos, nos dias cinzentos

Tina d'Aut

passados na rua Lesdiguières, enviando à sua irmã Laure, pelo correio, o plano de sua impossível tragédia em cinco atos e em versos, *Cromwell*. À sua irmã é dado apreciar a viabilidade da “máquina” antes da sua previsível polêmica. Mais tarde, quando o jovem autor rompe com o alexandrino, passando à “carne de segunda”, o romance, o que aparecerá nas cartas à sua irmã serão apenas humildes pedidos de temas de romances, assim como de colaboração efetiva dirigida ao casal Surville, incitando-o a contribuir para a escrita de trechos romanescos de Lord R’hoone...

Nos casos mais comuns, a informação genética é menos direta e menos substancial. O geneticista é obrigado a fazer dieta, obrigado a se alimentar apenas de aromas. Às vezes, apenas um anteprojeto indicado sob a forma de título. O que provoca estas longas seqüências de obras virtuais, das quais Jean-Benoît Puech se fez bibliotecário⁷: “sonhos de obras” abandonadas no limbo, reduzidas ao estado de um título absolutamente novo, de aromas sedutores, mas eternamente vazios. Como essas obras virtuais que se é tentado a reunir quando se lê atentamente a correspondência de Balzac com Madame Hanska. Porém, para os que conhecem o poder do não-ser, isso deveria tornar-se parte nobre da genética – a conservação, a análise e a admiração de tais fetos, dos quais freqüentemente restam apenas traços dentro do formol epistolar. Verdadeiros apêndices das obras superlativas, notáveis ‘filés-mignons’ da genética, retheadíssimas de paratextos, que exibem de maneira farisaica a ultrajante riqueza de seus arquivos...

7. V. *La bibliothèque d'un amateur*, Gallimard, Coleção “Le Chemin”, 1979; e “Du vivant de l’auteur”, Le Champ Vallon, 1990.

enviada a Musset por George Sand, mais ou menos em 6 de abril de 1843. Dos “Alpes”, como ela diz: quer dizer, dos primeiros contrafortes dos Alpes trentinos que está visitando, de braços dados com Pagello. Nesse tempo, o próprio Musset, humilhado em Mestre, atravessa os Alpes, os verdadeiros, esperando chegar em Genebra para receber, a título de ração de sobrevivência, um primeiro pacote de cartas. Uma carta que será extraviada (mas que ele receberá mais tarde em Paris e que, ainda mais tarde, sua Georgette teve de destruir por razões que não cabe agora determinar). Uma carta que Georges Lubin não reteve na lista de seus “fantasmas” oficiais, mas cujos caracteres rutilantes, para aquele que sabe ler, sobressaem por anamorfose em duas ou três outras cartas próximas a ela que lhe fazem eco...

Por vezes – caso do arquivo um pouco menos falho, mas ainda mais irritante, se isso é possível, – em lugar da verdadeira carta, não nos resta senão um resumo insípido, tal como ele fora feito pelo *commissaire-priseur*⁸, no momento de colocá-la em venda pública. Citá-la na íntegra o faria perder uma parte de seu valor de mercado: então, aos amadores sem dinheiro como nós, só restam as menções da data e do destinatário. Apenas algumas frases e algumas palavras. E tudo isso através do filtro desengonçado de um discurso indireto do ato notarial. Aí está a ninharia que nos é oferecida em lugar do mágico autógrafo desejado que valeria pelo seu poder de recuperar, através de alguns fragmentos, uma presença mágica. A cadeia deste verdadeiro romance epistolar que é toda a “correspondência geral” se rompe aí, com este esgarçamento. No lugar da tão complexa urdidura

8. Comissário ministerial encarregado de fazer estimativas do valor de bens que deverão ser colocados à venda [N.T.].

que nós esperávamos, estamos reduzidos a uma pequena sinopse de novela televisiva. Cabe ao leitor então se vingar, colaborando ativamente para a 'obra aberta', abertíssima até. O que é o lado bom desses tipos de escritas-leitura...

Outro caso, entre os mais desesperadores, ainda mais comum do que aquele: nenhum manuscrito, nada além de uma tradição livresca mais ou menos previsível. É o caso das correspondências anteriores ao século dezessete (nenhum autógrafo de Heloísa, evidentemente). Mas é também o caso de numerosas cartas do século XIX, século de ouro da correspondência e ainda mais da valorização dos autógrafos. Exemplo-tipo, a correspondência de juventude de Zola, cujos manuscritos (roubados!) não puderam ser utilizados por seus recentes editores. Ei-los pois obrigados a retomar, sem outro recurso, a edição Fasquelle, feita pelos bons cuidados de Madame Alexandrine Zola – e com a sua supervisão. E é famosa a costumeira pudicícia das viúvas... Como muito rapidamente se evidencia a quem tem o hábito desses objetos naturalmente impuros que são as correspondências, o texto de cartas apaixonantes é visivelmente expurgado de tudo o que fazia a sua roupagem propriamente epistolar e também provavelmente das revelações mais ou menos comprometedoras para os familiares – a família Zola, mas também a família Cézanne (o correspondente privilegiado). Ao invés de admitir a legitimidade de um texto muito "polido" para ser honesto, o geneticista é reduzido a perigosas suposições...

Se nos queixamos da ausência de manuscritos que nos permitiriam controlar uma tradição editorial suspeita, em outros casos, também muito comuns, é da ausência de um mínimo de arquivos – minutas, rascunhos sucessivos, cópias – que nos queixamos (retrato do amador de cartas de mau-humor). Quanto a isso, poderíamos dizer, há as

aprendiz a seguir a idéia de não polir as cartas: “Dizei-me de um jeito divertido que acreditaríeis me tirar alguma coisa corrigindo vossas cartas. Evitai ao máximo tocá-las, ou elas serão transformadas em peças de eloqüência”.¹¹ Poderíamos desconfiar do seu respeito à “natureza pura”, em nome do qual ela aconselha Madame de Grignan a não fazer correções. Mas, em respeito aos códigos ou nova convenção aristocrática – destinada a pregar uma peça nos burgueses e nos pedantes – assim é a “moral clássica” da carta, tal como ela foi elaborada, desde o último terço do século XVII, contra os rascunhos. A genética que comanda o código Sévigné será, então, essencialmente, uma “genética do impresso” que, na ausência de diversos estados anteriores aos textuais, só pode se voltar às deformações póstumas que os copistas, depois os editores, precisaram infligir a uma prosa viva demais para ser aceita tal como era, de acordo com os cânones estéticos do início do século seguinte. Ao contrário, não faltam arquivos textuais – e de toda a espécie – no que concerne não mais às autênticas cartas “missivas” (verdadeiramente enviadas), mas a essa verdadeira “literatura epistolar” representada por Balzac, Chapelain ou Peiresc. Nos dois últimos casos, Bernard Bray teve todo o tempo para aperfeiçoar ferramentas conceituais próprias a dar conta da diversidade das práticas de escrita e de cópia. Isso porque, naturalmente, essas “falsas” cartas, que mereceriam antes, segundo Philipon de la Madeleine, “o nome de arengas ou fragmentos oratórios”¹²,

11. Texto citado por L. Philipon de la Madeleine. *Manuel épistolaire à l'usage de la jeunesse*. Paris: Ferra Jeune, 1823, p. 11.

12. *Ibidem*, p. 8.

encontravam-se então submetidas ao dispositivo das correções e das versões sucessivas, correntes em um século naturalmente acadêmico e protocolar, mesmo em matéria de correspondência. Antes disso, no entanto, houve Madame de Sévigné...

É o código que ela definiu – e que seus editores e comentadores sucessivos reforçaram – que vai vigorar durante muito tempo, em matéria de escrita epistolar. Fato que constatamos não somente em Jean-Baptiste Suard, no final do século XVIII, mas também entre os críticos monumentais do século XIX, como Sainte-Beuve ou Lanson. Melhor ainda: é nitidamente a moral da carta que Madame de Sévigné simboliza, que continua até então a ser ensinada, não somente nas instituições escolares para as “pessoas jovens”, que são levadas a atribuir lugar de importância ao aprendizado epistolar, mas também nos conselhos que escritores, tão prudentes quanto Stendhal ou George Sand, dão aos seus próximos, em matéria de correspondência. Em nenhum momento, quaisquer rascunhos à vista, nem em Madame Roland, cujas cartas se pretendiam simples “riscos” – o que provoca o ceticismo de Sainte-Beuve¹³ – nem nos “garranchos” de Aurore Dupin¹⁴, nem nos conselhos

13. “Percebe-se a contradição do autor [...] Quando ela fala de seus borrões, é realmente sério? ‘Pois, afinal, de que importa a nossa maneira de escrever! Compondo minhas cartas [*então, ela as compõe*], tenho a esperança de que após minha morte, elas encontrarão um editor e tomarão seu lugar ao lado daquelas de Madame de Sévigné? Não, pois esta loucura não está entre as minhas; se guardamos nossos rascunhos, é para que eles nos façam rir, quando não tivermos mais dentes” (*Portraits des femmes*, op. cit., p. 199).

14. “Perdoa-me o garrancho, mas sabes que jamais pude esperar escrever como tu, legivelmente, corretamente etc.” É através destas palavras que a jovem Aurore Dupin conclui uma de suas cartas a Émilie de

que, agora transformada em George Sand, dará aos seus alunos¹⁵, nem nas “infantilidades” “próprias do espírito” do jovem Balzac¹⁶. Doravante, nada de rascunho, se se respeitam os conselhos formais do professor particular da cara Pauline Beyle:

Tu imaginas que é preciso preparar tua carta e fazer um rascunho: esta é a mais tola das manias que se pode ter; pois para que se obtenha um bom estilo epistolar, é preciso escrever exatamente o que se diria a uma pessoa se a encontrássemos (10 de abril de 1800).

Tu talvez creias que eu te peço cartas trabalhadas, mas nada disso, peço o que tu dirias se eu estivesse sentado ao lado de tua mesa (14 de junho de 1801).

Escreve tuas cartas de vários modos e, sobretudo, sem tentar fazer frases de efeito; pois nada há de mais penoso do que querer afetar espírito (19 de março de 1803).

Wismes, sua companheira de convento (20 de dezembro de 1820 – *Correspondance de Georges Sand*, ed. G. Lubin, Garnier, t. 1, p. 44).

15. Conferir, por exemplo, seus conselhos a Adolph Duplomb: “Não te tortures para me fazer frases bem elaboradas. Eu não me importo com elas de modo nenhum. Escreve-se sempre muito bem quando se escreve naturalmente e quando se exprime o que se pensa. As belas páginas escritas são boas para os mestres-escolas e não faço delas o menor caso” (23 de julho de 1830, op. cit. t. 1, p. 679).
16. Tema constante nas cartas de Balzac a suas irmãs Laure e Laurence: “Como eu brinco, mas o que queres tu! Eu não te escrevo uma carta pensada: ela é tão desorganizada quanto o meu pensamento, logo, não te espante se eu me perco em divagações” (12 de agosto de 1832). Confira abaixo outras citações. Inferindo sobre as conseqüências desta elegância da carta sem rascunho, Laurence culpa-se por sua incompetência: “[...] não sou ninguém aos 17 anos por não saber fazer uma carta sem cópia e sem dicionário [...]” (final de agosto [?] de 1819). Roger Pierrot (*Org.*), t. 1., p. 33.

Tua ducaã

Uma carta por semana! o que há de te ocorrer; nenhuma preparação, nenhuma correção ortográfica; eu cometo muitos erros e eu os aprecio; percebo que não foi feito rascunho, e não há nada de mais tolo do que rascunhar cartas. Aquelas que são muito preparadas são as de menor importância (7 de junho de 1804).

Adeus, escreva-me rapidamente quatro cartas como esta, *currente calamo* (26 de junho de 1804).

No século romântico, que já se anunciava, a legitimidade desta “moral” epistolar se reforçará à medida que a lógica Sévigné de “negligência” epistolar, que interditava a reescrita em razão das leis de elegância mundana, for acolhida pela lógica romântica, que acentua a espontaneidade e julga as cartas segundo o critério da emoção. Nenhum rascunho, não mais porque não seja polido, mas porque isto seria trapacear a espontaneidade. O amálgama entre essas duas lógicas é tão mais fácil de se realizar que a própria Mme de Sévigné o formulava à sua maneira, insistindo ora sobre o lado natural das correspondências, ora sobre o seu lado mundano.¹⁷

Este duplo imperativo de naturalidade, tanto mais enraizado à medida em que se sustentava em ideologias a princípio contraditórias, explica a culpabilidade angustiada

17. Conferir tal fórmula em sua carta de 23 de dezembro de 1671: “[...] pois meu estilo é tão negligente que é preciso ter um espírito natural e do mundo para que se possa acolhê-lo”.

de todos estes escritores que, de Rousseau¹⁸ a Renan¹⁹, conhecem de antemão sua incompetência radical em matéria de natureza epistolar e preferem confessar para a posteridade, sem rodeios, a sua indignidade. Ele também explica a desconfiança que pesa sobre esses missivistas pretensamente descuidados em suas cartas, e que surpreendemos tendo vergonhosamente registro e cópia de seus mais ínfimos bilhetes. Denúncia que Hugo desfere a Chateaubriand e Edmond de Goncourt a Flaubert. De acordo com o *Victor Hugo raconté*, o autor de *René*, debaixo da aparência de um cavalheiro que despreza toda a “escrevinhação” confiava, entretanto, ao seu secretário Pilorge o cuidado de fazer cópia de seus menores bilhetes²⁰.

18. Rousseau irrita-se com este “gênero do qual [ele] nunca pôde pegar o tom e que [o] deixa no suplício quando se ocupa dele”. E ao insistir: “Não escrevo cartas cujos mínimos assuntos não me provoquem horas de cansaço, mas se quero escrever ao correr da pena, não sei nem começar, nem terminar, minha carta é uma longa e confusa tagarelice: a custo me entenderão quando for lida” (*Les Confessions*, Livre III).
19. “Quanto a minha correspondência, será minha vergonha se for publicada após minha morte. Escrever uma carta é para mim uma tortura. Eu compreendo que alguém procure se mostrar genial frente a dez como a dez mil pessoas, mas frente a uma pessoa!... Antes de escrever, hesito, reflito, faço um plano para um maço de quatro páginas... Frequentemente adormeço. É só olhar as cartas pesadamente delineadas, irregularmente sufocadas pelo tédio, para ver que tudo foi composto no torpor de uma meia-sonolência. Quando releio o que escrevi, percebo que o pedaço é muito frágil, que escrevi uma loucura de coisas das quais não tenho certeza. Em desespero, fecho a carta com o sentimento de depositar no correio algo de lastimável”. (Ernest Renan, *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, Le Livre de Poche, p. 102).
20. “Pilorge era o secretário de *monsieur* Chateaubriand, o que não se lhe constituía uma sinecura. Sem contar os manuscritos, apenas a correspondência já lhe tomava enormemente o tempo, pois além das cartas originais que escrevia e *monsieur* Chateaubriand assinava, fazia uma duplicata para o registro do ilustre escritor que, atento à

Tina Diana

Quanto ao segundo, ele parece ser, de acordo com o *Diário* dos Goncourt, um rústico normando que, embora desprezando, como profissional da literatura impessoal, esses escritos de aproximação e da intimidade, que são as correspondências, e embora pensando que o homem deva se ocultar por detrás da sua obra, fazer desaparecer todos os traços de sua nociva presença²¹, também ele é acusado de ter guardado cópias de suas cartas a Maxime Du Camp – cópias que, presumivelmente tornaram possível que Madame Commanville, sua sobrinha, as editasse.²²

Entretanto, não se deve exagerar sobre as conseqüências de tais restrições aos rascunhos. Tanto mais que não são sempre tão absolutas. O próprio Sainte-Beuve, por exemplo, quando é levado a adotar uma visão sinóptica das correspondências

posteridade, conservava preciosamente os mínimos bilhetes. Pilorge também tinha a função de classificar e de numerar todas as cartas recebidas em casa” (*Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, In: *Oeuvres complètes* de Victor Hugo, J. Massin (Org.). Club Français du Livre, 1969, t. 1, p. 987).

21. Notemos, entretanto, que o jovem Flaubert menos “*Contre Sainte-Beuve*” do que se poderia esperar, aplica o código epistolar então comum, esperando que a carta seja uma conversa informal e não uma obra vigiada. Daí sua recomendação em uma das cartas a Ernest Chevalier: “(...) quando me escapar e fizer estilo, reprova-me fortemente” (15 de julho de 1839, *Correspondance*, J. Bruneau (Org.). “Bibliothèque de la Pléiade”, t. 1, p. 47).
22. “Madame Commanville, a quem perguntei como tinha conseguido publicar as duras cartas endereçadas por Flaubert a Du Camp, que certamente não as havia revelado, confidenciou-me que Flaubert guardava a cópia de suas cartas, redigidas como um artigo de jornal. A confidência esclarece bem as coisas sobre ele, e confirmam graciosamente o que eu pensava: que ele não era o senhor tão espontâneo que alguns desejam ver nele e quanto muitos imaginavam e que havia, na sua conduta, freqüentemente o cálculo do normando” (*Journal. Mémoires de la vie littéraire*, 27 de março de 1889, Robert Laffont, coll. “Bouquins”, 1989. t. III, p. 251).

do século das Luzes, admite que existem duas maneiras de escrever cartas, uma e outra igualmente legítimas:

Para se escrever cartas tão excelentes e duradouras quanto as peças literárias, não conheço senão duas maneiras e dois caminhos: ter um gênio vivo, desperto, pronto, *a galope*, em todos os instantes, como Madame de Sévigné, como Voltaire; ou com tempo e zelo, escrever com a mão repousada, como Plínio, Bussy, Rousseau, Paul-Louis Courier: – em duas palavras, improvisar ou compor.²³

Sainte-Beuve apresenta um quadro das “quatro grandes personagens literárias do século XVIII que escreveram cartas de feição muito diversas, compatíveis com as diferenças do caráter e da fisionomia de cada um”: Montesquieu, Voltaire, Buffon, Rousseau. Quadro no qual Voltaire, este “improvisador perpétuo”, é posto no pináculo, mas no qual Rousseau, “galante [...] perfeccionista e [...] polidor de todos os instantes” é, entretanto, considerado como “um grande missivista no seu gênero”, malgrado seu método de escrita, quase antiepistolar:

[...] mas que trabalho, que lentidão de lima, que cuidado. Há cartas bem eloqüentes, mas de frases feitas, refeitas, das quais se guarda evidentemente uma cópia. Quando escreve ao senhor de Malesherbes ou mesmo à Madame d’Houdetot, não são mais cartas, são obras.

23. “*Correspondance de Buffon*, publiée par M. Nadault de Buffon”. *Causeries du lundi*, 20 de março de 1860. Garnier, t. XVI, p. 322.

Tina Duscã

Mas, enfim, pouco importam todas estas ideologias epistolares controversas. Quando se abandona a região do ideal *a priori* para se confrontar com o real das cartas conservadas, encontramos-nos face a uma situação bem mais irritante. A norma, então, é infelizmente a desordem – e, sobretudo, a ausência. Ausência de autógrafo, ausência de rascunho, ausência de cópia: sempre falta alguma coisa. A genética epistolar se encontra freqüentemente reduzida a um quebra-cabeças cujas peças se perderam. Raros são os casos nos quais a minuta (rascunho feito antes da escrita, e que se conserva quando a carta, recopiada, é remetida), o manuscrito original e a cópia (posterior) são encontrados juntos, permitindo, assim, as confrontações necessárias. Muito freqüentemente se tem ora um, ora outro. E eis que nos vemos forçados a tentar descobrir o porquê – e reduzidos a simples hipóteses.

Assim, não temos senão os rascunhos das primeiras cartas de amor de Balzac a Madame de Berry ou a Laure D'Abrantès, muito trabalhadas: provavelmente porque ele devia conservar esses fetiches duplamente sagrados (monumentos de amor, mas também moeda, rica de um valor-trabalho, como testemunham os vários rascunhos da primeira carta a Dilecta). Mas não existem os manuscritos, pois as cartas a Madame de Berny, julgadas comprometedoras, foram destruídas na ocasião de sua morte, a 27 de julho de 1836, pelo seu filho Alexandre²⁴ – e as dirigidas a Laure d'Abrantès tiveram a mesma sorte.

Assim, só nos restaram os rascunhos das cartas de Henri Beyle a seu pai – e não os manuscritos realmente expedidos – pois a família não se preocupou em guardar as cartas do

24. Conferir a carta do mesmo dia a Balzac (R. Pierrot (Org.), t. x, p.139).

filho pródigo e, em contrapartida, esse rebento inquieto se esforçava para redigir o rascunho de cada missiva a seu irritadiço progenitor, conservando esses monumentos de arte diplomática, como conservará, mais tarde, os arquivos de sua correspondência consular e os rascunhos de suas cartas oficiais. Entretanto, não possuímos senão os manuscritos de suas cartas a Pauline: nenhum rascunho, pois naturalmente fiel à ideologia que procura sugerir, escreve *currente calamo*. O que não o impede de recomendar a ela que guarde religiosamente suas cartas, para que ele possa um dia delas se servir como arquivos autobiográficos, após terem servido como curso de literatura para a aluna indolente. Quanto às suas preciosas cartas de amor a Métilde Dembowski, escritas primeiramente em rascunhos excessivamente rasurados, fazem parte desses casos irritantes nos quais possuímos o manuscrito da carta expedida, mas dos rascunhos (um caderno de 74 in-4°) temos apenas uma descrição de boletim bibliográfico – antes da venda em leilões a um colecionador ciumento de sua propriedade. O que, todavia, faz todo geneticista normalmente constituído salivar:

Cada carta comporta inumeráveis rasuras e correções: algumas passagens são retomadas duas ou três vezes. Frases acrescentadas na margem ou por meio de folhas coladas mostram até que ponto Stendhal escrevia sob o império de uma emoção que alterava sua escrita. Entretanto, cada carta contém notas que documentam o local ou o momento em que foi escrita, o modo como foi colocada no correio e, às vezes, o destino que lhe foi reservado...²⁵

25. *Correspondance* de Stendhal. Victor del Litto (Org.), Bibliothèque de la Pléiade, t. I, p. 1416.

Tim d u r a n

Esta abundância de material genético é também o caso dos célebres rascunhos das cartas de Stendhal a Balzac, em resposta ao seu artigo ditirâmico sobre *A Cartuxa de Parma* – rascunhos que, sozinhos, mereceriam uma microscopia visando a estabelecer sua ordem de composição e a tentativa de descobrir qual versão teria sido, de fato, expedida (Gérald Rannaud tem suas hipóteses).

Mas constata-se que, em matéria de correspondências, o estudo genético pode facilmente satisfazer-se com um *corpus* menos generoso. Como toda carta é seu próprio rascunho, basta que se tenha o simples manuscrito realmente expedido para que se esteja na presença de um documento excepcionalmente rico. Pois uma carta é um objeto semiológico complexo, cujos numerosos parâmetros é preciso levar em conta. Isto vale, pode-se dizer, para qualquer manuscrito literário, ou apenas para as cartas? É perceptível alguma diferença fundamental que o distinga do manuscrito epistolar? Na verdade, o último constitui um manuscrito *destinado a ser naturalmente exibido*. O que não é o caso do manuscrito literário, destinado, em princípio, a manter-se secreto, escondido, até mesmo deixado de lado (livre para ser por vezes oferecido como presente suntuoso, entrando em um caso de *potlatch* aristocrática ou amorosa: como em Balzac).

Conseqüência essencial: enquanto que no caso dos manuscritos literários o ato da pesquisa genética é secundário, não obrigatório, puramente científico, na carta, é seu receptor imediato que é levado a colocar, de maneira imediata, questões de gênese. Não há necessidade de esperar por este “terceiro leitor”, que será o consumidor de uma correspondência geral, ou por seu editor: o primeiro destinatário, desde a primeira leitura, é convidado a efetuar

toda uma operação de deciframento criptográfico se quiser, de fato, tão simplesmente compreender a carta: não somente o seu texto, mas também todas as informações indiretas que veicula e que são suscetíveis de esclarecer a intenção, consciente ou não, do remetente. O receptor não deve tão somente decifrar a “mensagem”, mas se colocar toda espécie de questões auxiliares que põem em jogo a materialidade do documento: qual o lugar de emissão? qual data? que selo? que papel? que escritura? que tamanho? antes de mais nada, por que esta carta? qual a ligação entre esta carta e a última recebida? Tantas questões genéticas, no amplo sentido da palavra, que não visam somente decodificar a mensagem, mas se interessam por informações, colocando em jogo outros sistemas semiológicos, sejam eles da ordem do sinal (marcas postais), do símbolo (sinete ou selo do escritor, cor do papel etc.) ou do indício (grafia, traços diversos sobre a folha, perfumes, flores secas etc.). Tantos parâmetros para se interrogar – tantas perguntas que o destinatário é naturalmente levado a fazer para tentar descobrir o conjunto de sinais não lingüísticos que a carta transmite, sejam eles visivelmente intencionais, sejam, ao contrário, mais ou menos involuntários. O que implica, nesse sentido, uma análise semântico-pragmática do gesto de endereçamento, mas também uma leitura “sintomológica” que visa a estabelecer o estado psico-fisiológico do emissor. O leitor de cartas é, então, naturalmente semiólogo, psicólogo, grafólogo e... geneticista. Pois a carta encerra muito freqüentemente marcas de hesitação, de correções, de lapsos, de mudanças de tinta ou de mãos que nos permitem comparar duas versões da mesma carta, a intencional e a real: de uma parte, o projeto semântico-pragmático do destinatário, tal qual é possível reconstituí-lo

Tina Dickinson

a partir da carta real; de outra, a realidade – mais misturada, menos perfeita – de sua efetivação gráfico-semiológica, que comporta com frequência marcas pulsionais.

Porém, não se pense que o leitor de cartas seja o único forçado a ocupar a posição analítica. Também o missivista, antecipando-se à decodificação em diferentes ângulos, efetuada pelo receptor, e conhecendo de antemão todos os aspectos desta mecânica comunicativa complexa, é levado a jogar com ela de maneira mais ou menos estratégica. É ele próprio que às vezes enfatiza o trabalho da pulsão, apenas para se desculpar das imperfeições materiais de sua carta. E ainda mais quando, como o jovem Balzac, adere ao credo romântico que ordena a negligência do homem sensível, forçado a escrever de maneira desordenada e rapsódica. É o que reivindica Del-Ryès, herói de um romance epistolar inacabado²⁶, mas é também o que o próprio jovem Balzac não cessa de repetir infatigavelmente, para justificar as suas “miscelâneas”, à irmã Laure²⁷:

26. “Não espere encontrar em minhas cartas método, eloquência e audácia filosófica pelo que terias feito tantos falsos elogios, nas sessões de nossa pequena academia, quando discutíamos, com tanto ardor, as grandes questões que trazem contentamento ao homem. Minha correspondência substitui a conversa que não mais tenho contigo, quero me pôr às claras, confiar-te até os meus sentimentos mais extremos, falar, enfim, sem ordem, de tudo o que me vem à cabeça: confiar minh’alma à tua” (*Sténie ou les erreurs philosophiques* [1820], *Oeuvres diverses*, Bibliothèque de la Pléiade, t. 1, p. 179).

27. “Minhas cartas são miscelâneas: falo de trinta e seis coisas diferentes na mesma página; mas debes facilmente perdoar-me por isto, tendo em vista o caráter da pessoa” (25 de outubro de 1819, *Correspondance de Balzac*, R. Pierrot (Org.), t. 1, p. 53).

Não estranhe se te escrevo sobre uma folha pela metade, com uma péssima pena e, sobretudo, se digo bobagens (12 de agosto de 1819).

Deves achar minha carta mal escrita, mas uma carta bem escrita é preparada e toda carta preparada não tem as tagarelices do coração, donde concluo que as tuas são como as minhas, tiradas da fonte (6 de setembro de 1819).²⁸

Diga à mamãe que estou tão ocupado que, quando escrevo, tomo minha pena e meu papel, e vou como o asno de Sancho, seguindo o caminho, que eu não releio as cartas, que eu não faço um rascunho (jamais, nem mesmo para Lys. É lamentável – argh, então, rascunhos! – mas o coração conhece os rascunhos?), se não respeito as pontuações, peço desculpas: é pura *coquetterie*, para que me leiam duas vezes e que pensem em mim ainda durante mais tempo: eis aqui, por exemplo, uma delicadeza de mulher (30 de outubro de 1819).

Encontraríamos a mesma insistência na recusa de rascunhos e no necessário “deixar-se levar” em George Sand, em Zola²⁹ e mesmo no jovem Flaubert³⁰. Pois todo escritor

28. “Essas linhas são escritas no alto, à direita da assinatura”, nota Roger Pierrot (Ibid., t. 1, p. 34).

29. Conferir este comentário sobre o seu próprio método de escrita epistolar numa das cartas a Jean-Baptistin Baille: “Escrevo todas as minhas cartas sem rascunho e não se deve buscar nelas muita correção. Sem dúvida, me equivoco freqüentemente, mas que diabo! não estamos fazendo literatura aqui, estamos falando como dois bons amigos, comunicando nossos pensamentos e nossas observações” (15 de junho de 1860, *Correspondance d’Émile Zola*, Les Presses de L’Université de Montréal e Éditions du CNRS, t. 1, 1978, p. 183).

30. Conferir suas recomendações a Ernest Chevalier, 20 de janeiro de 1840: “[...] se pegasses um formato de papel que fosse tão generoso como o meu, tuas cartas seriam duplicadas em tamanho, e eu as amaria duplamente; espero que tu me escrevas um volume na próxima vez,

de cartas, ao menos implicitamente, reconhece o que Balzac anuncia à Madame de Berny: toda carta é um “retrato da alma”³¹, no qual o “homem” está tanto mais a descoberto quanto mais escreve sem pensar. O que, no limite, faz com que a carta seja tanto mais bela e forte, quanto mais esteja sujeita a uma leitura genética imediata, isto é, que não comporte diversas versões. Paradoxo da genética epistolar...

GÊNESE DAS EDIÇÕES DE CORRESPONDÊNCIA

ENTRETANTO, SE as cartas nos chegam em quantidade, se nos são oferecidas à nossa concupiscência de terceiro leitor é porque, perdendo seu estatuto de autógrafos únicos, tornam-se coisas que se lêem comumente em páginas impressas.

Antes mesmo da publicação, o primeiro gesto em direção à “de-singularização” dos objetos epistolares é a cópia. Cópia da fonte, pelo próprio missivista, ou pelos seus secretários; cópia mais tardia por seus admiradores. Cópia das cartas de Jacqueline Pascal pelos solitários de Port Royal (imagina-se com quantas precauções). Cópia das cartas de Madame de Sévigné por Bussy – graças à qual, descobrir-se-á um texto mais fiel. Aqui Madame de la Tour-Franqueville, que copia as cartas recebidas de Rousseau, visando a uma edição cruzada com a sua correspondência (1803). Ou uma cópia das correspondências Sand-Musset, circulando nas mãos de leitoras

com vinhetas, ornamentos tipográficos colocados no final dos capítulos etc... no qual eu quero uma quantidade de faceirices, impudicícias, virulências, de toda mistura enlouquecida, sem ordem nem estilo – a granel, como quando conversávamos juntos – e que a conversa vá, rápida, a galope, que a verve venha, que o riso estoure ruidosamente, que a alegria estremeça os ombros [...]”. Op. cit., t.I, p. 140.

31. Carta de março (?) de 1822, op. cit., t.I, p. 140.

bem nascidas, provocando emoção juvenil no *entourage* da “madrinha” (Madame Jaubert). Antes que viessem, normalizadas, para nosso conforto de novos ricos habituados a correspondências gerais desperdiçadas, lançadas a todos os ventos, coleções de autógrafos ou de cópias manuscritas apenas circulavam, passando misteriosamente de mão em mão. Basta ler o *Diário* dos Goncourt para assistir ao escoadouro de riquezas: aqui um dos irmãos Goncourt vai a Rouen copiar um “maço de cartas íntimas” de Madame de Chateauroux (15 de novembro de 1859); duzentas cartas de Augustine Brohan a Arsène Houssaye são cobiçadas por Feuillet de Conches (1º de agosto de 1856); Gavarni permite aos irmãos Goncourt vasculhar suas gavetas (12 de novembro de 1861); Gisetle lê para eles as cartas de amor que lhe são endereçadas por Saint-Valry (21 de novembro de 1861); confiando-lhe em seguida as cartas recebidas de Saint-Victor (2 de fevereiro de 1863). E aqui o Visconde de Lovenjoul, que entra em cena com sua coleção de autógrafos epistolares de Balzac (“um pouco *impublicável*, sua correspondência”). É a ocasião para uma breve meditação sobre o “chocante (...) envio para o lixo dos manuscritos, das cartas de Balzac”, ainda mais surpreendente “neste século de respeito e de conservação dos autógrafos” (1º de maio de 1889). Gosto generalizado por manuscritos que leva a excessos e fraudes: como testemunha, as falsas cartas autógrafas de Guimard que Houssaye colocou em seu livro sobre o século XVIII (24 de abril de 1889). Compreende-se melhor então a alegria de Edmond, quando essas coisas se tornaram mais acessíveis, sua emoção diante das edições da correspondência de Balzac, ou de Flaubert: “(...) neste ano, um único livro me trouxe prazer, *exaltou-me* um pouco – segundo a expressão apaixonada do missivista – foi a *Correspondência* de Flaubert (27 de junho de 1889).

Após as cópias, eis a edição. Estas se desenvolvem a partir do começo do século XIX, no que diz respeito às correspondências dos dois séculos passados. Pouco a pouco elas se voltam às cartas dos missivistas do início do século: Lamennais, Béranger, de Maistre, Napoleão Bonaparte, Balzac, Stendhal, entre os primeiros. Mais tarde, George Sand (1882-1884) e Flaubert (a partir de 1884). Edições em conta-gotas, em virtude do medo das famílias. Testemunham as proibições fulminantes anunciadas por Madame de Staël e seu clã³², testemunham as recomendações testamentais de Taine para que sua correspondência seja expurgada de todos os detalhes íntimos, mas também as precauções de George Sand. Após ter feito, no entanto, o gesto ostentatório de exibir sua correspondência nas prateleiras – as *Cartas de um viajante* (1837), com efeito, cartas muito “literárias”, salvo

32. Ei-las, tais como formuladas por sua filha, Madame de Broglie, a quem se solicitou reunir as cartas de sua mãe em uma edição de obras completas: “Quanto à idéia de reunir sua correspondência, isso não me passou pelo espírito nem por um instante; e, com efeito, entre as numerosas cartas que endereçou ao pai, aos filhos e aos amigos, não há uma sequer que não tenha sido escrita no abandono de sua intimidade, uma única cuja publicação ela não tivesse considerado como um atentado aos deveres mais sagrados da amizade e da delicadeza. O hábito que se introduziu de imprimir as cartas de pessoas célebres, sem respeito por sua memória, e de pilhar-se toda sua herança moral; este costume é uma vergonha de nosso século, acerca do qual sempre ouvi minha mãe se referir com o mais profundo desprezo.” Daí as conseqüências, inclusive as jurídicas, que se deveria esperar de “uma vontade tão formalmente expressa”: “Quem quer que não a respeitasse, essa vontade que a morte sacralizou, não teria perdão aos nossos próprios olhos, como no tribunal desta verdadeira opinião pública cujos julgamentos estão, cedo ou tarde, em conformidade com os da consciência”. *Oeuvres posthumes de madamme la baronne de Staël-Holstein*, Paris, Didot, 1838. “Avertissement de l’Éditeur”, p. 2).

a primeira, endereçada a Musset – ela vigia de perto o seu tesouro epistolar, dedica-se a manter em lugar seguro sua correspondência com Musset, esse incendiário; aliás, quer torná-la digna da posteridade. Isto levou a supressões, golpes de tesoura, correções a lápis vermelho ou azul, mas também a reescrituras, e – é preciso repetir após Georges Lubin, o primeiro a trazê-las à luz – a *falsificações*. Falsificações denunciadas por um exame grafológico superficial: falsificações por meio das quais George Sand tentou arrumar para sua conveniência a verdade sobre o drama de Veneza. Pois ela bem que fabricou, a partir de cartas comprometedoras, voluntariamente suprimidas, um certo número de cartas falsas, dadas por autênticas: uma sobre a página de um álbum, outra sobre a lombada de uma “Canzonetta” impressa em Veneza, em 1834. O que acaba dando ares de investigação policial à genética de correspondências.

Sua desculpa? É que ela devia sonhar com uma edição dessas cartas tão cobiçadas e começou a expurgá-las para torná-la possível.³³ (O que considerava necessário para tornar publicável a correspondência de Marie Dorval-Alfred de Vigny³⁴). Sobretudo, ela não fez mais do que

33. Conferir algumas páginas que Georges Lubin dedicou ao caso na sua introdução ao tomo II da *Correspondance* de George Sand, assim como seus comentários sobre as cartas incriminadas (números 760, 763, 811, 822, 839, 896). A Jules Aucante, reprovando-lhe mais tarde as supressões realizadas, Georges Sand lembra que algumas foram feitas por Musset, e defende o fato dizendo que tratava de preservá-las de terceiros. Foi após o escândalo causado por *Elle et Lui* (1859), que George Sand tentou colocar em ordem o corpo de delito. Mas, foi depois de 15 de dezembro de 1836 que foi vista tentando negociar com Musset a recuperação e a organização deste duplo tesouro...

34. Ela julga ser esta correspondência “um belo poema, qualquer que seja seu herói”, e acrescenta: “Eu o considero o mais belo poema

Tina da Silva

seguir a prática então comum em matéria de edição de correspondências. Conforme o anuncia Alain Pagès: “Nada é menos intacto, menos original que a carta nas coletâneas do século XIX”.³⁵ Esta infidelidade sistemática é o que Sand também pratica no que diz respeito às cartas de seu pai³⁶, ou das suas companheiras de convento (que ela reproduz, também emendadas, na *História de minha vida*); é também a que pratica Sainte-Beuve, renunciando a publicar *in extenso* as cartas que ele recebeu do autor de *Lélia*: “É por demais vivo, por demais sincero, por demais pleno, sobretudo de nomes próprios, para poder ser dado na íntegra”³⁷. É o que vão praticar sem constrangimento os principais preparadores de edição da época: Romain Colomb para Stendhal (1855), Madame Surville para Balzac (1856-1858), Solange e Maurice para George Sand (1882-1884), Caroline Commanville para Flaubert (1887). Daí as queixas dos atuais organizadores de correspondência; daí também a necessidade de trabalho exigente, dos quais Roger Pierrot³⁸ lembrou as dificuldades, estabelecendo uma espécie de protocolo aplicado, por exemplo, pela equipe que, em torno

de *mademoiselle* de Lespinasse e Mirabeau, salvo as repetições e os excessos que poderíeis fazer sumir” (*Correspondance*, t. XVII, p. 36).

35. Alain Pagès, “Stratégies textuelles de la lettre à la fin du XIX^e siècle”, *Littérature*, nº 31, 1978, p. 110.

36. “Obras primas sem arte premeditada, nascidas ao correr da pena” (*Correspondance*, t. VIII, p. 240), que ela publica na primeira parte da *Histoire de ma vie*, alterando-as profundamente. É o que Georges Lubin constata em sua edição (*Oeuvres autobiographiques*, Bibliothèque de la Pléiade).

37. *Portraits contemporains*. Paris, Calmann-Lévy, 1891. t.I, p. 507.

38. “Éditer une correspondance”, em *L’Oeuvre de l’Oeuvre. Étude sur la correspondance de Flaubert*, sous la direction de Raymonde Genette et Jacques Neefs, PUF, coll. “Essais et savoirs”, 1993, p. 21-28.

de Madeleine Ambrière, Roger Pierrot e Loïc Chotard, prepara a edição da correspondência de Vigny.

É certo que estes cuidados científicos já haviam tomado impulso na segunda metade do século precedente. É Brunetière que, por exemplo, testemunha-o, denunciando após tantos outros, as manipulações que La Beaumelle impôs ao texto da correspondência de Madame de Maintenon³⁹, ou aplaudindo a edição Capmas das *Cartas* de Madame de Sévigné, em 1876. Embora tenha compreendido os escrúpulos da edição Perrin (1734-1737), que aparou as negligências de estilo e alguns detalhes muito crus, compartilha a exigência da história literária nascente, em matéria de fidelidade ao autógrafo:

Certamente, nos dias atuais, um organizador acreditaria desmerecer seus leitores e trair a confiança que depositavam nele, se tivesse com o seu texto uma liberdade tal como a de nele deslocar a mínima vírgula ou de retificar a mais audaciosa irregularidade. Até corrigir os erros ortográficos, que nos são hoje sagrados! Ao contrário, há cerca de cem anos, eliminar as incorreções, reparar as negligências, atenuar

39. Denuncia as falsificações de La Beaumelle, demonstrando que ele “corrigiu o texto das cartas de Madame Maintenont com uma licença soberana; [que] alterou numerosas e importantes passagens; que, sem escrúpulos, introduziu, enquanto isso, sua maneira e seu estilo: enfim, que fabricou cartas inteiras. Eu conheço e disse a ele, um pouco mais tarde, as singulares liberdades eram permitidas naquele tempo ao organizador no tocante a um texto”. Segue nota referente às alterações do texto *Pensées* de Pascal, de MM. de Port Royal (Arnaud Nicole et le duc de Roanne). Mas, observa Brunetière, “alterando o texto de Madame de Maintenon, la Beaumelle alterava e falsificava a história”. (“Lettres inédites de Madame de Sévigné”, *Études critiques*, Paris, Hachette, 1881, p. 113, em nota).

Tina d...ã

mesmo os atrevimentos, não sei se não poderíamos dizer que se tratava de uma parte do dever do preparador de edição (Ibidem, p. 118).

E lembrar a cólera do abade Maury, no final do século XVIII, contra uma edição não expurgada das obras de Bossuet, que pretendia colecionar até mesmo a roupa suja do grande bispo. Mas poderíamos também convocar os sintomáticos *Comentários sobre Corneille* (1764) pelos quais Voltaire se propunha a corrigir os solecismos do autor do *Cid*... Sinais da época à qual Perrin pertencia. E, observa Brunetière, “ele era de seu tempo”.

Entretanto no final do século seguinte, Brunetière ainda não exigia uma fidelidade sistemática, às vezes mesmo “automática”, que se tornou a dos organizadores modernos. Entende que Perrin tem “amenizado alguns traços”. Tanto mais ao admitir que “sobre uma correspondência como a de Madame de Sévigné, correspondência totalmente privada [...] o direito da família deve ser preservado por inteiro, mesmo que isso possa acarretar alguma perda ao público” (p.116). Além disso, ele é levado a rir daqueles que exigem detalhes da intimidade, das nudezas, do cru. Contra os Dechanel e os Sainte-Beuve, recorre à ironia da marquesa: “Marquesa! Não duvideis que um dia a fisiologia irá dirigir a crítica e a história!” (p.117). Ele é levado a algum ceticismo contra os escrúpulos excessivos dos modernos: “Talvez um dia resolveremos muito deliberadamente a questão, e mesmo empurraremos um pouco para longe a superstição no que se refere aos manuscritos”. Muito embora termine por concluir: “Quando se trata de Memórias ou de Correspondências, ou seja, de publicações póstumas, a reprodução literal é via de regra absoluta”.

Nota-se que Brunetière ainda hesita. Historiador da literatura, tende no entanto a manter-se fiel às antigas convenções: isto lhe permite se distanciar dos positivistas puros, esses brutos da erudição impudica. Ainda mais marcadas, as mesmas ambivalências serão encontradas em Sainte-Beuve. É com ele que terminarei desta vez. Pois gostaria assim de render minha homenagem a um pioneiro em matéria de correspondências, sem disfarçar a que ponto suas exigências em termos de genética estavam longe de ser as nossas. Esta pequena visita ao “tio Beuve” será ocasião de um breve mergulho “nos arquivos da genética” e de medir o caminho percorrido entre ele e nós. Uma viagem que conviria ser refeita de modo mais sistemático – uma outra vez...

SAINTE-BEUVE DIANTE DAS EDIÇÕES DE CORRESPONDÊNCIAS

AMADOR DE correspondências, às vezes organizador ou prefaciador de algumas dentre elas, Sainte-Beuve supervisiona com grande atenção os protocolos editoriais que adotam seus confrades. Aplauda aqueles que colocam em nota os esclarecimentos necessários, ou revolta-se quando o preparador de uma correspondência do “grande século” (M. Combes) inicia a edição, com texto introdutório escrito em uma linguagem que teria feito Madame de Sévigné se revirar em seu túmulo.⁴⁰ Protesta quando o editor das

40. Este François Combes “fez da princesa de Ursins o tema de uma destas teses cuidadosas da Faculdade de Letras que se transformam facilmente em livros”. Mas Sainte-Beuve se impacienta: “Por que, quando os personagens do século xvii são tão familiares, quando se penetrou tão amplamente na sua conversação e na sua correspondência, por que se escreve de uma maneira que lhes é tão estranha, que lhes

Tina da rã

Memórias de Mirabeau (Lucas-Montigny), que “exagerou a gravidade e a nobreza do gênero biográfico”, “transfere expressamente para fora do texto e em uma nota citações de cartas que não causam senão o efeito de uma conversa leve e picante”. Daí, a *boutade*: “seria então necessário, por essa medida, imprimir em notas todas as cartas de Madame de Sévigné, como indignas da nobreza de um texto”.⁴¹ Aplauda a “engenhosa paciência” do organizador das cartas da marquesa de Créqui⁴². Finge maravilhar-se frente às suavidades de devota com as quais Madame Lenormant fez um escrínio biográfico para cartas raras de Madame de Récamier⁴³ (enquanto Barbey d’Aurevilly pragueja contra o pudor inoportuno desta “*Phlippote* da sociedade de l’Abbay-aux-Bois”, “organizador que finge mãos piedosas”).⁴⁴ Mas,

seria tão antipática?” (“La Princesse des Ursins. Ses Lettres inédites...” *Causeries du lundi*, 8 de agosto de 1859, t. XIV, p. 264-267).

41. “Des Mémoires de Mirabeau et de l’ étude de M. Victor Hugo à ce sujet”, *Revue des Deux Mondes*, 1834. *Portraits contemporains*, t. II, p. 288.
42. “O sr. Édouard Fournier, que se encarregou de classificar as cartas e de inscrever em cada uma a sua data mais provável, cumpriu seus deveres com uma paciência engenhosa: juntou ao texto todos os esclarecimentos desejáveis e uma quantidade de anotações curiosas graças à riqueza de sua erudição. O sr. Édouard Fournier é bem sabido” (“Madame de Créqui”, *Causeries du lundi*, 22 de setembro de 1856. Garnier, t. XII, p. 432).
43. “Eu ia (tanto a arte do arranjador é perfeita, tanto ele se esforça em se ocultar) – ia me esquecendo de advertir que o todo é ligado a uma rápida narrativa biográfica, por meio de transições indispensáveis... que todas as explicações necessárias ao leitor lhe são dadas de forma agradável e brevemente, que vêm bem a propósito diante dele” (“Souvenirs et ecorrespondance tirés de papiers de Madame Récamier”. *Causeries du lundi*, 28 de novembro de 1859, t. XIV, p. 314).
44. Conferir Jules Barbey d’Aurevilly, “Souvenirs et correspondance tirés des papiers de Madame Récamier”. *Le Pays*. 17 de outubro de 1859,

uma verdadeira admiração comunicativa o invade quando descobre a edição que Adolphe Régnier acaba de publicar das *Cartas* de Madame Sévigné (1861) que é enriquecida com algumas partes do texto original postas a nu, o que já havia sido feito na edição de Monmerqué (1818). Estava ali uma verdadeira “revolução”, a propósito da qual Sainte-Beuve prova a necessidade de tranqüilizar ironicamente seu público de medrosos do Segundo Império:

[...] não vos preocupai, tranqüilizai-vos! trata-se de literatura, trata-se do texto de um autor clássico; até agora acreditávamos possuir o texto de Madame de Sévigné, mas não era o bom: este só agora foi editado; mas tais reparações, após mais de um século de abusos, não são feitas sem transtornos e perturbações.⁴⁵

Grande emoção no Landernau filológico! Eis uma marquesa despida, ainda mais natural e “boa comadre” do que nunca! Para nós, seus “descomedimentos nas frases”. Para nós, suas vivacidades de avó. O que satisfaz Sainte-Beuve, desequilibrando-o um pouco, ele não esconde. Segue a história editorial desse texto desde mademoiselle Simiane (1725), passando por Perrin (1737-1754) e por Monmerqué (1818). Como o primeiro “não queria que houvesse uma dobra a mais ou um alfinete de menos na *toilette* de Madame de Sévigné”, fez correções

reedição no *XIXe. siècle (Deuxième série). Les Oeuvres et les Hommes. Littérature Épistolaire*. Paris: Alphonse Lemerre, 1892. p. 113-132.

45. “*Lettres de Madame de Sévigné*. éd. nouvelle publiée sous la direction de M. Ad. Régnier, de l’Institut, d’après les manuscrits et les copies les plus authentiques, avec une notice biographique par M. Paul Mesnard”. *Nouveaux Lundis*, 16 de dezembro de 1861, t. I, p. 275.

Tina Duncan

que infelizmente recaíram sobre “as naturais e divinas negligências de um autor encantador que jamais sonhara em ser autor” (p.279). Quanto ao segundo, “não havia nele o espírito de crítica e do exato método que leva a termo e impulsiona à perfeição um trabalho deste gênero” (p. 280) – ao contrário dos modernos “filólogos de profissão”, dos “*Sévignistas* mais consumados”. Estas fórmulas designam os novos historiadores literários, formados pela École Normale, segundo o modelo do próprio Adolph Régnier, cuja edição acabava de abrir a célebre “Coleção dos Grandes Escritores da França”, de genética memória. E vejamos Sainte-Beuve, encantado por descobrir, sob os retoques do maquiador responsável pela “*depravação do texto-Sévigné*”, o retrato original:

Encontrar-se-á no movimento habitual da linguagem, no curso e na continuação da conversa, liberdades, graças, familiaridades e as efusões ainda mais vivas que no passado; Madame de Sévigné ousará tudo e com mais abandono, com ainda mais profusão do que se conhecia nela [...] (p.283-284).

Certamente a personalidade da marquesa não muda de cabo a rabo, porém aí está mais a descoberto:

Ela continua a mesma, a espiritual e a encantadora brincalhona, aquela que leva a vida para todos os lugares, - que tem a alegria e o charme, aquela que sempre conhecemos; porém, mais licenciosa, mais viva na palavra e na pluma, mais de rédeas soltas, mais densa e vivaz, mais irmã de Molière, mais ela mesma do que nunca, para dizer tudo (p.284).

Resultado: a nova edição oferece não apenas “um escritor mais natural, como também uma personalidade mais original e mais próxima à verdadeira, uma Sévigné mais Sévigné do que jamais fora até então”. Pois está exatamente aí, como o próprio Sainte-Beuve convida a observar, uma outra das especificidades da genética epistolar: as correções que persegue, as lições que propõe não são somente as que afetam a pureza de um texto. Não são simples alimento de erudito com a doença das variantes: elas são suscetíveis de mudar inteiramente a personalidade de um autor (até mesmo o sentido da história, como no caso de La Beaumelle).

Entretanto, não se pode crer que Sainte-Beuve aplaudisse sem segundas intenções essas revoluções filológicas. Revoluções bem no espírito desse século positivista ao qual quer pertencer apenas em parte. Revoluções das quais ele nos fornece alguns outros exemplos relativos a outros monumentos do século de Luís XIV: os *Pensamentos* de Pascal, as *Memórias* de Saint-Simon ou as da grande Mademoiselle, as cartas de Madame de Maintenont. Diante de todos estes abalos, Sainte-Beuve é levado a compreender a resistência de seus confrades críticos, sobretudo dos mais velhos, que “estes pequenos tremores de terra (ou de texto)” desconcertam. Ele compartilha dos desgostos “daqueles que são expropriados de suas velhas admirações e cujos hábitos são alterados”. Dirigindo-se a Sylvestre Sacy, organizador “tradicional” de Madame de Sévigné, e com forma de consolo, confessa seu fraco pelos textos santificados por uma longa tradição editorial:

Às vezes também eu, como vós, surpreendo-me a lamentar que tudo não seja definitivo no mundo das letras, que para nós é um asilo e uma espécie de Elísio terrestre.

Tina di...
ã

Por que retornar sem cessar, com os eruditos alemães, ao texto de Homero? [...] Parece-me às vezes lamentável que o livro destinado a ser clássico, uma vez trazido à luz, uma vez oferecido ao público e impresso, dele não se tenham destruído todos os manuscritos; todos os meios de um controle eterno e renovador; que não tenha havido aí um regulamento definitivo e um balanço que tornasse possível à admiração toda a sua segurança e inteira plenitude. (p.206).

Desejo – verdadeiramente criminoso segundo nossas normas – e que ele repetirá evocando os manuscritos de Buffon:

Lamento que não se tenham queimado, de uma vez por todas, todos esses rascunhos, tão logo fossem utilizados, que todos estes vestígios vindos à existência não tenham sido jogados ao fogo. Conselho aos grandes escritores que estão por vir! Queimai, senhores, tudo o que se tornou inútil. Vosso edifício está completo e soberbo, vosso monumento erguido: para que deixar aos insaciáveis sobrinhos os meios de um dia refazer engenhosamente andaimes e de criar uma nova fachada? Infelizmente, para atingir o estilo, é preciso passar pelas tentativas do laboratório. Nós temos a história das *rasuras* de Buffon⁴⁶.

Bela epígrafe antifrástica para a revista *Genesis*! Seguramente, existe aqui, da parte de Sainte-Beuve, o que nomearíamos hoje de “provocação”. Mas esse gesto datado, de época, do qual poderíamos encontrar equivalentes, sob a

46. “*Correspondance* de Buffon, publicada por M. Nadault de Buffon”. *Causeries du lundi*, 26 de março de 1860. Garnier, t. xiv, p. 32.

pluma de Vigny⁴⁷, corresponde exatamente em Sainte-Beuve a alguma coisa de profundo, de que temos outros sinais. Bem próprios a surpreender os “insaciáveis sobrinhos” que nós somos.

Ainda nesse mesmo espírito, ele reclama quando “suas” *Memórias* de Madame Roland são modificadas. Verdadeiro escândalo: um editor fiel em demasia deixou passar alusões indiscretas à sexualidade... Ele é favorável a supressões, em nome das conveniências, nas cartas de Mirabeau à Sophie, como nas de Diderot à mademoiselle Volland: “Lendo as admiráveis cartas de Diderot à sua Sophie [...] lamentei encontrar no final detalhes dessas indigestões freqüentes, com as quais um estômago que envelheceu se lastima. Há nas cartas de Mirabeau à Sophie páginas que desencantam ainda mais”. Donde a generalização: “Parece-nos que, no que tange aos eventos romanescos da vida dos grandes homens, se há um pouco a fazer para torná-las mais completas e mais harmoniosas, é permitido ousar”.⁴⁸ Ousar? Percebe-se aqui que Sainte-Beuve tenta passar por audácia o que é, segundo nós, um recuo medroso diante das convenções... Do mesmo modo, Sainte-Beuve queixa-se do mau tratamento editorial que as cartas íntimas de Horace Vernet sofreram. Propõe supressões e algumas ligeiras modificações de estilo:

47. Argumentando com Victor Cousin que “a Vida de um escritor deve se compor de um monumento e de episódios”, o autor do *Journal d'un poète* conclui: “É preciso extirpar e queimar as ervas daninhas e toda inutilidade como artigos de jornais, cartas, bilhetes etc. etc.” (maio de 1852, *Oeuvres complètes*, ed. Baldenperger. Bibliothèque de la Pléiade, t. II, p. 1293).

48. “Des mémoires de Mirabeau et de l'étude de M. Victor Hugo à ce sujet”. *Revue des Deux Mondes*, 1834. *Portraits Contemporains*, t. II, p. 290.

Tina da Silva

Estas cartas [...] mereceriam encontrar um organizador amigo, homem de gosto e discrição que apenas se detivesse nas verdadeiras conveniências, que seleccionasse, sem retirar senão o necessário e que, sobretudo, não mudasse nada e restituísse apenas algumas palavras em caso de correção. Seríamos pagos por seus cuidados com belíssimas páginas da literatura espontânea e natural.⁴⁹

Mesma atitude, mas com uma variante, em face da correspondência de Galiani com Madame du Deffand: aqui, ele propõe suprimir “suas cartas de negócios, aquelas nas quais ele se repete desagradavelmente, nas quais se esforça para parecer superior”, mas respeitar, em contrapartida, o texto daquelas que seriam conservadas, “ainda que parecesse picante e mordaz.”⁵⁰

Não terminaríamos sem passar em revista os seus escrúpulos, os seus subterfúgios em matéria de fidelidade ao texto epistolar. Mas seria injusto não lembrar que, sobre o exemplar campo de batalha Sévigné, foi do lado da audácia inovadora que terminou por se fixar. Recusando o recuo sensível para o texto *ne varietur*, ele escolheu a fidelidade ao autógrafa. Daí, seu embate contra todos aqueles que, em nome do respeito às tradições, dizem: “Queimemos os velhos papéis, e guardemos nossos livros tais como são!” “Religião, rotina, preguiça, há um pouco de tudo nessas queixas”, acusa Sainte-Beuve. Daí, para concluir, o conselho

49. Ele se queixa da edição *Lettres intimes de M. Horace Vernet de l'Institut pendant son voyage en Russie (1842 et 1843)*, realizada por M. Théophile Sylvestre, 1856. Leipzig (“Horace Vernet, Suite”, 1o. de junho de 1863. *Nouveaux lundis*, t. v, p. 109).

50. L'abbé Galiani”. *Causeries du lundi*, 26 de agosto de 1850, Garnier, t. II, p. 440.

a Sacy: “Não nos congelemos no clássico, banhemos-nos nele sempre.”

É o que, com efeito, permitem, e de maneira ainda mais fresca, os banhos de juventude prolongados nas correspondências, se possível bem editadas, com fontes de erudição no seu entorno. Banhos verdadeiramente *genesíacos* (mais ainda do que simplesmente genéticos), que dão às múmias da história literária um frescor pompeiano. Eis que Vênus sai do banho sem seu cinto de castidade. Graças a esta hidroterapia epistolar, todos os monumentos de outros tempos tomam ares de *tout petits pans de murs jaunes*⁵¹, as estátuas recuperam seu *élan*, os livros seu sopro de letras[cartas].

Mas, haverá necessidade de exaltar estas duchas purificadoras aos leitores de *Genesis*?

JOSÉ-LUIS DIAZ é professor na universidade Paris 7-Denis Diderot. Trabalhou principalmente com as representações do escritor entre o século das Luzes e o Romantismo. Tese de doutoramento: *L'Écrivain Imaginaire. Scénographies auctoriales à l'époque romantique (1770-1850)*. Suas pesquisas sobre correspondências estão ligadas às atividades no AIRE (Association Interdisciplinaire de Recherche sur l'Épistolaire) onde ele atua como secretário geral. Aí, dirigiu três números de revistas (“La lettre d’amour”, *Textuel*, nº 24, 1992;

51. Uma imagem proustiana: estrutura de um muro [N.T.]

Tina diaz

“Écrire à l'écrivain”, *Textuel*, n° 27, 1994, e número especial do *Romantisme*, “J'ai toujours aimé les correspondances...”, n° 90, 1995-4). Em 1999, coordenou o seminário AIRE (“Usos biográficos e autobiográficos do gênero epistolar,” bem como o seminário geral da equipe “Século XIX” de Paris 7 sobre as sociabilidades literárias).